



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

*HOMMES DE LETTRES NA “CORTE DO SERTÃO”*: JOÃO GUMES E A  
ESCRITA SOCIAL

Maria de Fátima Novaes Pires

Prof. Dr<sup>a</sup> do FFCH da Universidade Federal da Bahia

**Resumo:** Este artigo analisa a trajetória intelectual de João Gumes (1858-1930), editor do primeiro jornal dos sertões da Bahia, *A Penna* (1897-1930), considerando o “lugar social” (Certeau, 1982) de sua produção. Para tanto, observam-se filiações intelectuais e políticas do autor. Nas matérias daquele jornal, Gumes posicionava-se ante a política regional e estadual, assim como sobre eventos cotidianos, possibilitando-nos entrever uma sociedade recém-saída da escravidão e diante de desafios da emergente República. Da sua “Typographia”, o jornal circulava para várias partes do Brasil. Publicava periodicamente, também ali, trechos das suas comédias-drama **A Abolição**, **A Sorte Grande**, **Intriga Doméstica**, além de romances, a exemplo de **O Sampauleiro**. Ao lado da ativa vida intelectual, exerceu em Caetité, de onde era natural, a função de escrivão da Coletoria Geral, Tesoureiro e Secretário da Intendência. O seu jornal circulava em período de fortes disputas políticas na Bahia, quando se opunham Góes Calmon e J. J. Seabra.

**Palavras-Chave:** “Escritor-Cidadão”; Progresso; Civilização.

*Hommes de lettres in the backlands' court: João Gumes and social writing.*

**Abstract:** This article examines the intellectual career of João Gumes (1858-1930), the editor of the first newspaper of Bahia's backlands - *A Penna* (1897-1930), considering the "social place" (Certeau, 1982) of his production. For this purpose, the article observes the intellectual and political affiliations of the author. That newspaper's articles were positioned to examine the affairs of state and regional politics as well as the mundane events of everyday life, which allowed a glimpse of the regional society right after slavery and the challenges of the emerging Republic. From his "Typographia", the newspaper circulated to various parts of Brazil. Also, it published regular excerpts of his drama-comedy “*A Abolição*”, “*A sorte grande*”, “*Intriga Doméstica*”, in addition to novels, like “*O Sampauleiro*”. Beside his active intellectual life exercised in Caetité city, where he was born, he exercised the functions of Treasurer and Secretary of the town hall and Scrivener of the General Tax Collector. His newspaper circulated in times of strong political turmoil in Bahia, when Goes Calmon and J. J. Seabra were opponents.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

**Keywords:** Writer-citizen; Progress; Civilization.

*[...] No dizer de Musset, 'Para escrever a história da própria vida é preciso, em primeiro lugar, que se tenha vivido' e, segundo o pensamento do notável bellettrista francez, eu não vivi. A expansividade do espírito ultrapassa as possibilidades humanas e 'ter vivido' é ter realizado as aspirações, por mais modestas que sejam. (GUMES, 1923, p. 1 apud REIS, 2010, f. 67)*

Esse texto, escrito por João Gumes sete anos antes da sua morte, sinaliza o seu estado de espírito diante da não realização de uma de suas maiores aspirações: o alcance efetivo dos fins pragmáticos anunciados no seu jornal *A Penna* (1897-1942/com intervalos). Dentre as provas dessa constatação, estava a limitada aplicação na educação pública e a inexistência de uma estrada de ferro que ligasse o sertão às outras partes da Bahia e do Brasil, tema recorrente em suas matérias autógrafas: “A perspectiva do futuro, entre nós tem, como nota dominante, ressaltando sobre um mundo de conjecturas e apreciações, o facto da construção da estrada de ferro”.

Essa decepção pessoal, tão intimamente ligada aos seus anseios políticos, foi registrada em passagens desta natureza:

*Quando fundamos A PENNA em 1897, dissemos que consideravamos a imprensa um dos mais importantes factores de progresso social [...] Avançamos afoitamente essa proposição [...] Mais tarde, porem, a rude experiência, o cansaço, o arrefecimento do primeiro entusiasmo [sic], fizeram-nos compreender que a imprensa só poderá medrar e concorrer para o progresso, só poderá produzir fructo abundante, quando concorrer com ella, quando collaborarem com a sua ação, outros elementos de uma ponderabilidade incontestável que a princípio não podíamos perceber. Cahimos na lucta que travou-se entre a nossa frágil vontade e os mil obstaculos que se oppuzeram à vida e desenvolvimento da A Penna [...].*

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

Iniciei este texto com os momentos finais da vida de Gumes, coincidindo com uma famosa estratégia de escrita do “bruxo do Cosme Velho”... Neste artigo, serve tão somente para evidenciar que a sua indissociável trajetória intelectual e política foi também marcada pelo desencanto, por frustrações. Gumes nascera no ano de 1858, proximamente a uma conjuntura brasileira sintetizada pelo historiador da literatura Antônio Cândido como um lugar de “tradicionalismo jesuítico sustentado por uma economia agrária e uma ideologia romântica” (CÂNDIDO apud SKIDMORE, 2012, p. 42). Uma época cujos impulsos literários passaram também pela transversalidade da história, da ciência e da cultura.

A diversificada trajetória intelectual de Gumes, exercitada nos mais variados gêneros, tem motivado recentes e diversificados trabalhos acadêmicos. Neste artigo, o objetivo é empreender uma leitura de dois aspectos articulados de sua personalidade: um “escritor-cidadão” e um apologista da modernidade. Nos anos 1880, aos vinte e dois anos de idade, parece ter sido apanhado, como outros jovens de sua época, pela “maré convergente de abolicionismo, anticlericalismo e republicanismo” (SKIDMORE, 2012, p. 44). O seu anticlericalismo pode ser medido, anos mais tarde, por adesão ao espiritismo, fato que lhe rendeu dissabores com alguns membros da igreja católica local (REIS, 2010, f. 64). Os demais aspectos serão abordados mais detidamente nas páginas que seguem.

*Toilette, ménage, enfant gâté, malsain, chaussée...* são palavras que integram o rico vocabulário da obra de João Antônio dos Santos Gumes, ou simplesmente João Gumes, como rubricava o editor do primeiro jornal (periódico) dos sertões da Bahia, o *A Penna*. Parecia confirmar, com essa escrita de inspiração francesa, o “desejo avassalador [cultivado entre brasileiros] de demonstrar que o Brasil era um digno posto avançado da civilização europeia. Partia-se do princípio de que a elite dominava com fluência o francês falado e escrito” (SKIDMORE, 2012, p. 145). Essa situação foi registrada em notas do jornal *O País*, que circulava também na pequena Caetité:

*O Brasil está moralmente vinculado à França, em cujos livros aprende, cuja arte o fascina, cuja história conhece e ama. Nenhum povo nas melhores condições do que o francês para [...] constituir, no Brasil, um*



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

*campo formidável de ação*". (O País, 26 de dezembro de 1910 apud SKIDMORE, 2012, p. 126)

Gumes trazia consigo a herança intelectual de sua família paterna e materna, “uma instância formadora e socializadora relevante no processo de participação de Gumes na cultura escrita” (REIS, 2010, p. 42). O seu pai, João Antônio dos Santos Gumes, foi professor e proprietário da “Escola Particular de Primeiras Letras”, responsável pela alfabetização de jovens caetiteenses durante a segunda metade do século dezenove. Essa Escola teve o mérito de encaminhar os primeiros passos de uma tradição continuada na antiga cidade de Caetité, situada no alto sertão baiano.

Uma “corte do sertão” com “boa e culta sociedade”, ostentando hábitos de “urbanidade e delicadeza”, é assim que se refere o engenheiro baiano Teodoro Sampaio, quando de sua passagem pela cidade, no ano de 1879.

*A fama de lugar onde sempre vigorou o culto à boa instrução e à cultura humanística faz parte da mitologia local de Caetité. Consta, por exemplo, que os naturalistas bávaros Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrick Martius já teriam registrado a existência de uma Aula Régia de Latim, na região, ao passarem por ali [em suas expedições 'através da Bahia'] na década de 1810. (AMBROSINI, 2011, f. 17)*

Uma fama alentada por seu pioneirismo na educação regional. Por ali construíram a primeira Escola Normal do interior baiano (1898); uma Escola Americana, vinculada à missão presbiteriana *Central Brazil Mission*, organizada, em Caetité, pelo pastor presbiteriano e missionário inglês, Henry John McCall, em 1910; além do Colégio Jesuíta São Luiz Gonzaga. Essas circunstâncias chamaram a atenção de viajantes, pois não era comum, ao interior do Brasil oitocentista, uma aplicação mais dedicada à educação formal: “Era, sem dúvida, uma situação excepcional, em meio à rudeza de modos que em geral grassava no alto sertão do [Brasil]” (AMBROSINI, 2011, f. 18).

Caetité pertencia à região de entroncamento do interior baiano, situação que a ligava internamente à província e à região Sul do Brasil, com trânsitos comerciais desde o Setecentos. As tropas foram as grandes responsáveis por esses intercâmbios, com franca



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

atividade até as primeiras décadas do século XX. A sua economia, essencialmente agropastoril, possibilitou acúmulo de grandes fortunas, principalmente no século XIX, quando figurava como “celeiro do sertão”, abastecendo regiões em seu entorno, a exemplo da Chapada Diamantina, além dos negócios realizados em outras partes da província da Bahia, do Brasil e do exterior. Essa riqueza, advinda de sua privilegiada situação, possibilitou-lhe uma precoce aparelhagem urbana: Correios (1832), Telégrafo (1896), Typographia (1897), Água Encanada (a partir de 1919), Luz Elétrica (1925) e Banco do Brasil (1943). No ano de 1897, Gumes externou o seu contentamento com a abertura de um hotel, um luxo raro naqueles territórios, onde somente pousos ou casas de parentes serviam à hospedagem: “Felizmente já dispomos aqui de um estabelecimento d'esse gênero. Modesto como nosso meio, porém capaz de trazer-nos grandes vantagens”.

Foi, portanto, naquela cidade do alto sertão, de singular aspecto, que Gumes inaugurou o seu percurso intelectual e a sua militância progressista e liberal. Da sua Typographia saíram testemunhos vivos dos impactos causados pela conjuntura abolicionista e emergência da República, assim como pelos ventos da modernidade. Tais contextos moldaram as suas diversas formas de expressão literária e artística, elaboradas em território distante dos principais centros urbanos do país e do exterior, porém a eles sintonizados. Sempre esteve muito próximo às bibliotecas, a começar por aquela que lhe era mais próxima, a de seu pai. Aquela biblioteca e outras mais, de seus amigos letrados, possibilitaram-lhe o acesso a clássicos nacionais e estrangeiros, tais como Machado de Assis, José de Alencar, chegando a Camões, Victor Hugo, Émile Zola, Alexandre Dumas, Saint-Hilaire etc. Sobre esse aspecto, Joseni Reis (2010, p. 82) informa:

*Em nota, o jornal A Penna comunicou a sua filiação, como sócio honorário, ao Club Euterpe Litterario, que fica em Lençóis do Rio Verde, em Minas Gerais, certamente, na qualidade de sócio-correspondente, prática comum à época. Além da participação de João Gumes nas sociedades literárias, encontramos diversas notas no jornal A Penna tratando da sua condição de membro da Associação Baiana de Educação, departamento de Caetité. Vê-se que Gumes manteve intensa rede de relações com as associações. [...] A Penna disponibilizava a venda de diversos livros, como se pode observar na nota a seguir: “IMPORTANTE Livros! Livros! Livros! Livros novos, romances de afamados escriptores, interessantes livros de lindas*



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

*historias especiaes para crianças, acaba de receber a typografia de A Penna” (A Penna, 13/01/1927, p. 3)*

Uma análise intertextual da obra de Gumes possibilita observar leituras e influências literárias. Vejamos nesta passagem a proximidade de Gumes com a tradição ilustrada francesa, especialmente com o iluminista François-Marie Arouet Voltaire:

*Saibam que muito tenho aprendido nas minhas viagens e que me cabe um diploma científico da Universidade Internacional, mais justamente do que a certos que por lá se têm doutorado. Dizem os velhos: “Lido ou corrido”. E eu, que tenho corrido e lido esse grande livro que a natureza física e animada desdobra diante dos nossos olhos! Eu, que tenho perlustrado com grande interesse esse cantinho do globo, onde se ocultam magnificências, opulências e raras virtudes! (GUMES, Pelo Sertão, 1927, p.1, **grifos meus**, apud REIS, 2010, p. 54)*

Gumes mantinha uma leitura atualizada dos eventos de sua época. Na passagem que segue, Reis (2010, p. 117) mostra o interesse de Gumes em aproximar ideais do político republicano Rui Barbosa daquelas do escritor francês Émile Zola:

*Numa matéria publicada no jornal A Penna, ele estabeleceu uma comparação entre o escritor e jurista brasileiro Rui Barbosa e o escritor francês Émile Zola, identificando ações que eram comuns aos autores. Considerando ambos “dous gigantes”, comenta que, possivelmente, os dois não deveriam se conhecer. Em seguida, questiona: “Mas, que importa se são irmãos pelo culto à verdade – que é a justiça?”.*

Cabe aqui ressaltar um aspecto relevante daquela cultura francesa importada pelo Brasil:

*Até os instrumentos de cultura na belle époque brasileira passavam por mãos europeias. Na edição de livros, do mesmo modo que em muitas outras esferas, as artérias vivificantes da cultura brasileira ainda seguiam na direção do Velho Mundo. Antes de 1914, por exemplo, só havia no Brasil algumas poucas editoras importantes. A principal casa era a Garnier, uma firma francesa que imprimia em Paris a maioria das obras que publicava. Em geral os livros eram enviados diretamente de Paris e Lisboa para alguns poucos distribuidores, dispersos em cidades portuárias brasileiras. (SKIDMORE, 2012, p. 146)*

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

Ao lado de erudição de corte francês, Gumes apresentava uma notável riqueza vocabular regional. Isso se explica porque ele falava de um sertão que não estava distante de suas experiências. João Gumes viveu no sertão, a ele se integrou e para ele destinou a sua obra cidadã. É uma voz endógena a que ouvimos a cada página.

No compasso de intelectuais de sua época, apresentava uma formação privilegiada e rígida. Dedicou-se a estudos gerais das ciências e das línguas, como autodidata, em sua maior extensão. Os seus poucos recursos impediram-no de cursar a famosa Faculdade de Direito, do Recife, ou a também famosa Faculdade de Medicina, da Bahia, como aconteceu aos seus afortunados contemporâneos, que mais tarde foram fundamentais à veiculação de sua obra. Para garantir o sustento familiar, assumiu cargos de escrivão da Coletoria Geral, Tesoureiro e Secretário da Intendência, mas refinara o seu talento de literato noutras paragens. Numa época em que o exercício de certas especialidades não exigia uma formação mais protocolar, atuara como jornalista, tipógrafo, dramaturgo, tradutor, professor, músico, advogado provisionado e desenhista (REIS, 2004, p. 19). Em todas elas manteve uma característica muito própria da intelectualidade de sua época, “[a] necessidade de se ter uma crítica acirrada e de se manter polêmicas foi sempre um dos traços característicos dos intelectuais [daquele] tempo [a autora reporta-se a Sílvia Romero, Tobias Barreto, José Veríssimo]” (PEREIRA, 2012, p. 4).

Na passagem que se vê mais adiante, Gumes evidencia críticas à escravidão, instituição por ele considerada perversa e incivilizada. Sobre esse tema dedicou alguns trabalhos. A comédia-drama intitulada “A Abolição”, escrita em 1889, objetivava denunciar a permanência de relações escravistas no alto sertão baiano (REIS, 2004, f. 57). Noutro manuscrito, “Uma insurreição de negros: pequeno esboço da escravidão no Brasil”, de 1874, narra uma insurreição de escravos no Brasil. Muitos desses escritos vinculam-se às suas observações de relações entre senhores e escravos em ricas fazendas de Palmas de Monte Alto, região contígua a Caetitê, onde atuou como mestre-escola (REIS, 2010, f. 67).

*Desde os tempos coloniaes duas classes muito distinctas entre si educam-se pessimamente para legar-nos este actual estado de cousas. Uma – a do senhor – habituou-se a mandar e a colher resultados*



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

*óptimos do trabalho da outra, - a do escravo, - a mais numerosa e que constituia a verdadeira força, o capital productivo.*

Apesar de expressiva produção no campo da literatura, Gumes dizia não se considerar um literato. Afirmava que o seu trabalho servia como meio de propaganda da riqueza de sua terra para garantir-lhe melhor aproveitamento. No entanto, tornara-se notória, naquela época, a afinidade construída entre literatura e ideais de progresso, bandeira ostentada por manifesto assinado por Sílvio Romero: “A pátria abriu as largas asas em direitura à região constelada do progresso: a literatura vai desprender também o vôo para acompanhá-la mais de perto” (SKIDMORE, 2012, p. 142).

Mesmo que Gumes partilhasse das noções de Afrânio Peixoto de que “A literatura é o sorriso da sociedade”, havia contraído para si a tarefa de propagar e buscar progresso e civilidade para o sertão, e a sua literatura atuou como um dos canais abertos nessa direção. Consciente dos limites da instrução pública regional, pareceu empenhar-se para atenuar essa situação. Escreveu romances, dentre eles **Os Analphabetos** (1928), com a finalidade de propagar a alfabetização, convencido de ser esse um dos principais meios para promover a prosperidade nos sertões:

*Não se pense que este livro tenha merito litterario e que possa figurar entre tantos que lustram e enriquecem a litteratura brasileira, que põem em evidencia o crescente progresso das letras no nosso paiz, quanto têm ellas se aprimorado e enriquecido n'estes ultimos tempos. [...] ousei escrever n'esse gênero embora me falhe competencia para figurar entre os escriptores que têm produzido livros d'essa natureza, que attrahem a attenção do leitor instruindo-o de muitas cousas que lhe são desconhecidas. Continuando o meu propósito de tornar conhecida esta região em tudo quanto concerne ao seu interesse e aproveitamento dos seus opulentos recursos, considereei que o melhor meio era escrever narrativas de factos verosimeis acompanhados de descripção do nosso território e costumes do povo sertanejo. É o que fiz na “Vida Campestre”, no “O Sampauleiro”, no “Pelo Sertão” e n'este livro [Os Analphabetos]. Convenço-me, e ninguém poderá contestar-me, que o romance, a novella, ou qualquer trabalho d'este genero, é o que melhor propaganda faz.*

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)





# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

Tendo em vista o percurso intelectual de Lima Barreto e de Euclides da Cunha, Sevcenko (2003, p. 283) nos diz que naquele momento as circunstâncias históricas se interseccionaram ao processo de criação artística, “de modo a vir a constituir um elemento fundamental da própria estrutura interna da obra do autor”. Observa, assim, certa sintonia entre os textos desses autores e os fenômenos sociais contemporâneos, cuja aproximação com as expectativas de Gumes é notória. Esse aspecto leva-nos a questionar sobre possíveis tentativas de enquadramento de toda a sua obra em escolas literárias mais específicas, mesmo que se observem traços da Escola Regionalista (REIS, 2004, f. 23-31). Talvez, o mais certo seja considerá-lo um idealista, precisamente como ele mesmo se definia: “Há idealistas de todos os feitios e gradações, e eu sou considerado um delles [...]” (REIS, 2010, f. 67). A certa altura de sua vida escreveu o romance *Seraphina*, com declarada pretensão filosófica.

Certamente a passagem do século XIX para o XX assinalou “mudanças que foram registradas pela literatura, mas, sobretudo, mudanças que se transformaram em literatura” (SEVCENKO, 2003, p. 286). A escrita ganhou um aguçado sentido pragmático naquela conjuntura, tendo a obra de Gumes constituído um exemplar característico.

A sua escrita atendia aos sentidos pragmáticos da vida social, sobretudo da sua região, anunciando o seu potencial, desconhecido e negligenciado. Para Gumes, a escrita extrapolava sentidos restritos aos de guardião de uma memória de um tempo e de um lugar, mesmo que se preste a tais propósitos. A importância documental dos seus escritos reside, principalmente, no diálogo contínuo que manteve com os homens de seu tempo e com as urgências da vida social dos sertões baianos.

Um sertão não apartado do Brasil e/ou do mundo, mas a ele articulado. Não foi aleatória a sua esmerada tradução do livro *Le Brésil*, do viajante e escritor francês Jean-Ferdinand Denis (1798-1890), “especialista em história do Brasil”:

*A atividade de tradutor foi outra das instâncias profissionais que João Gumes desempenhou ainda no período em que trabalhou como mestre-escola, ao traduzir o livro de Ferdinand Denis, Le Brésil. O manuscrito é resultado de um trabalho manual bem acabado. No entanto, por conta do tempo e do manuseio, encontra-se em processo de desgaste. É*



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

*um livro de capa dura com 544 páginas e numeração centralizada na parte superior da folha. No manuscrito, existem algumas ilustrações referentes ao tema abordado na página, num total de 72. São reproduções de pinturas famosas de Rugendas e Debret, retratando cenas cotidianas e lugares variados do Brasil. Essas reproduções foram feitas com lápis preto. Percebe-se que, posteriormente, algumas foram coloridas. Verifica-se que o livro foi organizado com folhas pautadas e avulsas, depois costuradas e encadernadas.*

O esforço de Gumes em entrelaçar a história de sua região às novas redes de civilidade não se restringiram à sua obra escrita. Buscou cultivar o gosto por espaços públicos que ensejassem um convívio urbano, civilizado e culto. Uma das mostras desse seu interesse está, dentre outras expressões, no desenho arquitetônico do Mercado Público Municipal de Caetité (1897) e do Theatro Centenário (1922-1970). Um teatro bastante ativo, que promovia lazer noturno, mobilizava jovens para a encenação de peças teatrais, e atraía curiosos olhares para o momento mágico da exibição de filmes. Deve-se também ter em vista que a arquitetura poderia prestar-se a mascarar arcaísmos. Essas iniciativas confirmam muito enfaticamente “o papel decisivo que cabe à imaginação artística e às energias intelectuais em momentos críticos de mudança histórica” (SEVCENKO, 2003, p. 22).

O Theatro e o Mercado apresentam um desenho arquitetônico de fisionomia e traços antigos. Revelam, assim, o arcabouço de que o atuante e criativo intelectual dispunha, sendo essa uma aparente ambiguidade de sua obra: um *homme de lettres* de cor moderna. Caem-lhe como uma luva as noções de Voltaire, ao cindir a noção de homem das letras à de homem das ciências: “Chega-se ao regime que defenderia [ao “homem das letras”] a prioridade da 'utilidade' para o desenvolvimento dos saberes. O literato, em seu comprometimento político, justificaria, por sua vez, a própria escrita, inserindo-se entre os novos sábios do Iluminismo” (SILVA, 2006, p. 117).

Essa situação que se nota na cidade de Caetité, quando o moderno busca espaço entre a tradição, remete-nos às análises de Antônio Cândido (2001, p. 252) ao delimitar as esferas de continuidade dos modos tradicionais de vida em meio às transformações



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

representadas pela incorporação de padrões modernos. Expressa a dialética desse processo na passagem seguinte:

*[...] a realidade é mais complexa, não permitindo ver na influência da urbanização um processo evolutivo simples e unívoco. Na verdade, os fatores tradicionais exercem ação reguladora, não raro envolvendo os outros, combinando-se a eles, integrando-os de certo modo no seu sistema. Assim, para dar expressão mais completa ao que vem procurando sugerir, podemos dizer que a situação estudada não é a de substituição mecânica dos padrões; mas de redefinição dos incentivos tradicionais, por meio do ajustamento dos velhos padrões ao novo contexto social.*

No elegante Theatro Centenário, Gumes tocava violoncelo para um público seletto, para o qual dedilhava partituras de sua autoria. Certa vez escreveu no *A Penna* sobre o violino, instrumento da mesma família que o seu violoncelo: “o instrumento musical por excellencia, é o *règio* violino”. Naquele teatro foram encenadas suas peças, sobretudo nas apresentações cívicas e festivas (REIS, 2004, f. 57). O próprio Theatro Centenário foi planejado para comemoração do centenário do 2 de Julho, data histórica da independência da Bahia, situação que aproximava a cidade de Caetité a uma imagem heróica da história brasileira. A propagação de tal patriotismo deve ser “concebido não apenas como referência a um lugar de nascimento, mas, sobretudo, como sentimento de pertencimento a uma comunidade, que se expressaria territorial, política e culturalmente” (GUIMARÃES, 2007, p. 105). Devemos notar que na passagem do século XIX para o XX apareceram:

*[...] diversas tentativas de compreensão globalizadoras da sua cultura e da sua história [da população brasileira], no âmbito mais amplo da cultura ocidental, de forma a elevar para um centro nodal a questão da identidade: identidade nação; identidade do povo brasileiro.* (NAXARA, 1998, p.17)

As cidades brasileiras, em franco processo de urbanização, causavam admiração aos moradores daquele sertão. Mesmo a sua elite, que parecia querer distar-se das representações caricatas de tabaréus, não escapava a essas ambivalências da modernidade emergente. Aquela elite, proprietária de fazendas, gado e comércio, mantinha filhos



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

estudando nas principais faculdades do Brasil, além de financiar-lhes viagens ao exterior, a exemplo de Oscar Teixeira, filho de Deocleciano Pires Teixeira, político liberal e um dos maiores parceiros de Gumes. Ao enviar cartas para membros de sua família, Oscar legava impressões de suas viagens ao exterior, como a Nova Iorque, aonde fora para especializar-se em Engenharia Elétrica, na década de 1920. Na mesma ocasião, escreveu ao seu pai contando, decerto jocosamente, a estranheza de sua irmã e cunhado com a cidade do Rio de Janeiro, à qual se habituara:

*Aqui estão dias quasi um mez o Chico e Evangelina – q cheios de espanto começam a ser surpreendidos pela civilização material desta grande cidade [RJ/onde Oscar Teixeira cursava Engenharia]. A principio não gostaram, acharam tudo exterior ao seu modo de pensar e sentir – hoji porem elles ja sentem com o Rio e já o admiram – O Chico ja fallou-me em vender tudo q possui e vir morar aqui. Bem sei q isto é fantasia, mas demonstra a vida de desconforto que si vive no Sertão – desconhecido do Brasil e desconhecendo o Brasil. (GUIMARÃES, 2011, p. 4)*

Gumes estava bem distante dos modos de vida boêmio ou socializado dos principais centros literários do seu tempo. Recolhido naquela pequena cidade, longe das grandes “igrejinhas ou panelinhas literárias”, buscou ao seu modo “literalizar o trato cotidiano da existência” (BROCA, 1960, p. 37), como se vê em passagens de sua obra:

*Afinal, desde o dia 15, temos sido visitados diariamente pela chuva, constante, abundante e animadora, ora fina, ora torrencial. Têm nos chegado noticias animadoras de toda zona do alto sertão.*

O editor do *A Penna* acreditava que o modo efetivo de ingresso no cenário republicano viria da educação e das estradas. Mantinha, no entanto, uma noção perspectiva sobre aquele século inaugurado aos seus olhos. Um sentido do impacto positivo dos novos tempos que lhe pareciam alvissareiros.

*A busca de novos valores e formas de expressividade marcam todo o universo dos homens europeus da década de 20. A questão em jogo, na expressão de Walter Benjamin, era a própria sobrevivência do ser*



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

*humano, atropelado por impulsos de mobilização dos sentidos que passavam a falar mais alto do que a cultura herdada.* (DIAS, p. xv, 1992)

A *belle époque* não serviu unicamente aos discursos liberais, que tomaram feições próprias nos partidos da emergente República brasileira. Os seus modelos de civilidade inspiraram e protagonizaram modos de vida que se estenderam para além do eixo mais moderno e civilizado do Brasil. No compasso dos novos sentimentos de brasilidade, o jornal *A Penna* dizia-se servir como “um dos mais importantes fatores do progresso social”. Essa noção de progresso social chegava a Caetité, sobretudo através da grande imprensa. Além das gazetas da “cidade da Bahia”, também era lido por ali o jornal *O Paiz*, de circulação nacional: “Tristes e commoventes são as notícias que nos trazem as gazetas da capital [...]”.

Entretanto, ainda que distante do efeito sinérgico provocado por renovação de hábitos e práticas sociais de lugares mais desenvolvidos do país, a sua obra oferece uma boa prova da pertinência das palavras de Octávio Paz (1990, p. 50): “Há tantas modernidades quanto sociedades [...] Somos filhos da modernidade ou ela é nossa criação?”. A lógica que orientava as ações de Gumes, observada nesses materiais, também permite notar a relação dialética entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006), sentido orientador da cultura ocidental moderna.

Gumes aderiu às bandeiras liberais, usando a sua escrita para fins bastante determinados: “Poucas vezes a criação literária esteve tão presa à própria epiderme da história *tout court*. Era em grande parte uma literatura encampada por homens de ação, com predisposição para a liderança e a gerência político-social” (SEVCENKO, 2003, p. 287). Metamorfoseando-se em “escritor-cidadão”, Gumes, com a sua obra, nos lembra repetidas vezes as análises de Sevcenko (2003) sobre a tonalidade literária de Lima Barreto e Euclides da Cunha, para os quais os textos serviam ao “anseio de correção e condução das reformas necessárias”. Veja-se esta passagem de matéria de Gumes:

*Temos urgente necessidade de admittir aperfeiçoados methodos agricolas, de instruir o povo, de adoptar instrumentos agrarios*



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

*modernos, de melhorar as nossas condições-ethnicas e fazer respeitar a lei. Tudo isso depende de faceis meios de transporte e locomoção e de serem conhecidas as nossas condições locais.*

Como para Gumes esses anseios não estavam circunscritos ao discurso, buscou aproximar-se da elite política liberal, que na sua cidade atendia pelos sobrenomes de Pires Teixeira e Rodrigues Lima. Esses vínculos políticos se estreitaram ao longo de sua vida. O primeiro jornal dos sertões baianos, publicado por Gumes, intitulava-se *O Caetiteense*, cujo único número, lançado em 1896, destinou homenagem ao primeiro governador eleito da Bahia, Joaquim Manoel Rodrigues Lima, após conclusão do seu mandato (1892-1896).

A trajetória de Gumes é indissociável à de Deocleciano Pires Teixeira (1844-1930), médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1865-1870), deputado da Assembleia Provincial (1888-1889), Intendente de Caeté (1892-1893) e Senador do Estado (1893-1903). Ao lado desses mandatos políticos, administrava suas fazendas e ativo comércio no alto sertão baiano. Um comércio bastante dinâmico e articulado, insondável para abordagens historiográficas que insistiam em definir os sertões brasileiros como lugares “isolados, apartados e distantes”.

A amizade e parceria de Gumes com Deocleciano Teixeira possibilitou-lhe arregimentar condições financeiras para a compra do seu primeiro (ou segundo) prelo. Deveria partilhar o desejo de manter um jornal como meio de expressão de suas crônicas, romances e divulgação dos “interesses do sertão”. Noutra ponta, Deocleciano Teixeira certamente vira ali uma boa forma de propaganda política de si e de seus correligionários.

No ano seguinte à publicação de *O Caetiteense*, precisamente a cinco de março de 1897, Gumes publicou o primeiro número do seu jornal mais duradouro e importante, o *A Penna*, “Orgam dos interesses commerciaes, agrícolas e civilizadores do Alto Sertão”.

Nas matérias daquele jornal multiplicavam-se apelos à construção de estradas, fator de desenvolvimento e progresso regional, além de imprescindível ao escoamento da produção local. Uma produção que não se restringia ao abastecimento do mercado interno, mas que alcançava países europeus, sobretudo a indústria têxtil britânica. Esses



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

aspectos foram registrados em telegramas emitidos do Rio de Janeiro por Rogaciano Teixeira ao seu irmão e sócio Deocleciano Teixeira.

O seu jornal serviu em variados momentos como tribuna política. A Typografia Gumes fazia chegar a várias partes do Brasil assuntos da política regional, estadual e nacional: “Os antigos partidos monarchicos não têm razão de ser actualmente. [...] Seja qual for o candidato à presidencia, - segundo as noticias que nos chegam, a victoria é do civilismo. A victoria é de uma ideia, de um principio, não de um indivíduo, de uma classe”.

Mas, a política republicana daquele período passava por crivos de interesses pessoais, personalistas e autoritários, sintetizada nestas passagens de Skidmore (2012, p. 130-131):

*Na maior parte do país, e sobretudo nas áreas rurais, havia um contraste nítido entre o ideal de governo representativo livre e a realidade socioeconômica. [...] a estrutura política da jovem República repousava num sistema local eivado de mandonismos e numa tênue aliança nacional de líderes estaduais. Não produzia a competição política racional e aberta que os reformadores liberais do fim do Império haviam pretendido.*

Até que ponto Gumes se desencantou com os rumos políticos da República é um bom tema a ser investigado. Porém, é preciso notar que a circulação do *A Penna* estava vinculada a uma soma maior de interesses, mais amplos que o âmbito da política. Servia para veiculação de textos de outros intelectuais da região; aos anúncios públicos e particulares; às propagandas de casas comerciais, e assim abastecia de notícias pessoas da cidade e outras tantas que dali saíram, naquele momento de intensa migração. Nessa medida, o texto jornalístico é visto “como produto [que] envolve a existência de grupos que o produzem, permeados de interesses pessoais e coletivos, movendo-se dentro de um conjunto de valores que vai além do próprio grupo, remetendo à sociedade que recebe o jornal” (TORRES, 2012, f. 3).

Gumes estava ciente da importância do seu jornal diante do emaranhado jogo político das elites locais e estaduais. Mas a sua militância por melhorias sociais e econômicas extrapolava o âmbito da arena meramente partidária. Parece ter notado, mais



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

para frente, quando a migração grassou por todo o sertão que “a crônica jornalística, aparentemente se trata de um gênero literário de menor importância, fadado a sucumbir, geralmente, após leituras matutinas despreziosas e cujo material de impressão – os jornais – acabava era servindo mesmo, no fim das contas, como papel de embrulho para mercadorias ordinárias” (CANDIDO, 1992, p. 12 apud AZEVEDO SOBRINHO NETO, 2010, f. 12). Naquela ocasião, Gumes publicou no seu jornal *A Penna* o romance **O sampauleiro**, onde tratou de modo crítico a migração de sertanejos para São Paulo.

Assim como outros intelectuais do seu tempo, Gumes articulou uma linguagem portadora de ideais de civilização, que no seu caso encontrou terreno nos sertões baianos e foram de muitos modos partilhados por uma elite letrada e/ou “bem nascida”. A noção da linguagem como fenômeno social, político, cultural e econômico encontrou no devotado escritor-cidadão um porta-voz privilegiado. F. Barth (1967, p. 663 apud VILLAR, 2004, p. 174) nos diz: “Aquilo que as pessoas querem obter, os fins variados que perseguem, fornecem a orientação para sua conduta”, cuja ação se liga a fins pessoais e profissionais, conforme atestam as trajetórias do protagonista deste artigo e de tantos outros intelectuais nacionais e estrangeiros.

A trajetória de Gumes foi aqui relacionada à noção de escritor-cidadão: um intelectual engajado, afinado com ideais liberais e modernizadores, para os quais dedicou toda a sua vida. As suas expressões literárias ressaltam, sobretudo, esse esforço em promover interações regionais às propaladas noções de civilidade e de progresso. O conjunto de sua obra evidencia um “lugar social” (CERTEAU, 1982, p. 66) socioeconômico, político e cultural. Compete a estudo mais elaborado aprofundar as condições de sua produção, o cenário em que foi produzido e as suas intenções. Um impulso nessa direção poderia conduzir a possível recuperação de sua vasta obra, hoje dispersa e danificada. Além disso, serviria para testemunhar ainda mais gravemente a nossa incapacidade de reverter atrasos endógenos relacionados aos descasos com a educação pública e as suas diferenças abismais neste imenso território.

## Bibliografia

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)





# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

- AGUIAR, Lielva Azevedo. “**Agora um pouco da política sertaneja**”: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité- 1885-1924). 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus-BA, 2011.
- \_\_\_\_\_. Entre o Sertão e a Capital: Caetité nas primeiras décadas do século XX. Disponível em < <http://www.www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/31.pdf> >. Acesso em: 22 jul. 2012.
- AZEVEDO SOBRINHO NETO, Joachin de Melo. **Uma outra face da Belle Époque Carioca**: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2010.
- AMBROSINI, Diego Rafael. **Contextos de Nestor Duarte**: política, sociologia e direito. 2011. 155 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BOCANNERA JUNIOR, Sílio, **O Teatro na Bahia**. Da Colônia à República (1800-1923). Salvador: Eduneb/Edufba, 2008.
- BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001.
- CERTEAU, Michel. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis**: Historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DENIS, Pierre. É acima de tudo uma grande cidade de negócio. In: BRUNO, Ernani Silva (Org.). **Depoimentos de Moradores e visitantes**. 1553-1958. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico, 1981.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Prefácio. Hermenêutica e narrativa. In: SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. xi-xxiii.
- ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros**: cotidiano e representações. São Paulo: Humanitas; FFCHL/USP; Fapesp; Educ, 2003.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista. In: CARVALHO, José Murilo de. (Org.). **Nação e cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 93-122
- GUIMARÃES, Eudes Marciel Barros. Experiências sertanejas do tempo: notas sobre o interior da Bahia. In: Simpósio Nacional de História, 26, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308156593\\_ARQUIVO\\_1.TextoAnpuh2011-EudesGuimaraes.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308156593_ARQUIVO_1.TextoAnpuh2011-EudesGuimaraes.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2012.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

- JOÃO DO RIO. A rua. In: GOMES, Renato Cordeiro (Org.). **João do Rio**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- KOSSELLECK, Reinhardt. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.
- MARTINS, Rômulo de Oliveira. **Na trilha dos diamantes**: escravidão na Chapada Diamantina. Lençóis-BA, 1840-1888. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, Universidade Federal da Bahia, em curso.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiros em sua própria terra**: representações do brasileiro, 1870/1920. São Paulo: Annablume, 1998.
- NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. **A norma dos “bons costumes” e as resistências femininas nas obras de João Gumes** (Alto Sertão baiano – 1897 a 1930). 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- OLIVEIRA, Virgílio Coelho. Entre o nacionalismo e o pensamento e o pensamento ilustrado: cultura política, história e ficção nas representações ambivalentes de Eça de Queiróz em Os Maias. In: Simpósio Nacional de História Cultural, 5, 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB, 2010. Disponível em: <[www.soac.bce.unb.br/index.php/SIHC/VSIHC/paper/view/396](http://www.soac.bce.unb.br/index.php/SIHC/VSIHC/paper/view/396)>. Acesso em: 22 jul. 2012.
- PAZ, Octavio. **La Quête du Présent**. Paris: Gallimard, 1990.
- PEREIRA, Milena da Silveira **A polêmica no final do oitocentos brasileiro**. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao20/materia01/texto01.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2012.
- PIRES, Maria de Fátima Novaes. **Fios da Vida**: tráfico interprovincial e alforrias nos *Sertões de Sima* – BA (1860-1920). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O crime na cor**: escravos e forros no Alto Sertão da Bahia – 1830-1888. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2003.
- REIS, Joseni Pereira Meira. **Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito**: o caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928). 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- REIS, Maria da Conceição Souza. **O Sampauleiro**: romance de João Gumes. 2004. 513 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- ROCHA, Adriana de Oliveira. **Anísio Teixeira e a Escola Normal de Caetité/BA**: um projeto de formação de professores primários (1926/1941). Dissertação do programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2005.
- SANTOS, Jémison Mattos dos e OLIVEIRA, Magda Rodrigues. Diagnóstico socioambiental participativo do município de Caetité-BA. Texto em PDF. Disponível em <[www2.uefs.br/geotropicos/DIAGNOSTICO SOCIOAMBIENTAL PARTICIPATIVO.pdf](http://www2.uefs.br/geotropicos/DIAGNOSTICO_SOCIOAMBIENTAL_PARTICIPATIVO.pdf)>. Acesso em: 27 agosto. 2012.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

- SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Léguas tiranas**: sociedade e economia no alto sertão baiano. Caetité, 1890-1920. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, em curso.
- SCHWARZ, Robert. **Ao vencedor as batatas**. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 1977.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Taíse T. Q. da. A erudição ilustrada de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-77) e a passagem da historiografia das belas letras à história nacional. In GUIMARÃES, Manoel L. S. (Org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 114-137.
- SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SOBRAL, Julieta. **O caldeirão moderno**. Disponível em <<http://www.users.rdc.puc-rio.br/imago/site/narrativa/ensaios/julieta.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2012.
- THOMPSON, Edward P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TORRES, Roney Robson Baliza. **A cidade de luz**: imprensa, civilidade, modernização. Caetité, 1897-1930. 2012. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus-BA, em curso.
- VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de “etnicidade” na obra de Fredrik Barth. **Mana**, 10(1), p. 165-192, 2004.

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)